

Quinta dos srs. duques de Palmella, no Lumiar

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

ARRABALDES DE LISBOA

(Vid. pag. 299)

LUMIAR E PAÇO DO LUMIAR

Do Campo Grande até ao Lumiar corre a estrada entre quintas e casas de campo, alternando-se estas com jardins, pomares e alamedas. Logo no principio tem, do lado esquerdo, o palacio e quinta que foi dos marquezes de Valença, e que pertence agora ao sr. Couceiro; e do lado direito a casa e quinta do sr. Fidié, construidas no principio d'este seculo pelo negociante da praça de Lisboa, Manuel de Sousa Freire, reconstruidas e muito melhoradas pelo actual proprietario.

Das outras quintas que orlam a dita estrada, mencionaremos duas que sobresáem, uma pelo palacio, de solida construcção e de architectura regular e ornamentada; e a outra pelo bom gosto que presidiu á plantação dos jardins, e pela collecção de plantas exoticas que a adornam. A primeira está pouco distante do Campo Grande, da parte direita, e, apesar de ter mudado de dono, conserva a denominação popular de *quinta do Leal*, por ter sido fundada no começo d'este seculo pelo doutor Soares Leal, pae do sr. visconde de Santa Quiteria, actualmente nosso ministro na corte de Vienna d'Austria. A segunda fica da parte esquerda, proxima da alameda do Lumiar, e é propriedade da sra. viuva Pedra.

Á entrada do Lumiar estende-se ao longo da estrada uma alameda, plantada ha poucos annos em terreno anteriormente desegual, e que para esse effeito se aplanou e alindou. Estrada e alameda vão guarnecidas de casas de campo e quintas.

O Lumiar é um logar de 128 fogos com mais de 400 almas. Dista de Lisboa uns seis kilometros para o norte, e está sentado em planicie. O logar propriamente dito é feio, pois que mais parece uma rua de cidade com algumas travessas tortuosas, pouco limpas e irregulares, do que uma aldeia. Porém a salubridade do ar, a bondade das aguas, e as quintas aprazíveis que o rodeiam, fazem com que os moradores da capital o appeteçam e procurem na estação calmosa.

Fazem-se n'este logar tres feiras annuaes, em fevereiro, junho e agosto. Tem uma egreja parochial, da invocação de S. João Baptista, fundada em 1276 pelo bispo de Lisboa, D. Mattheus, e cujo padroado pertencia outr'ora ás freiras do mosteiro de Odivellas, por doação de D. Theresa Martins, que o usufruiu por morte de seu marido D. Affonso Sanches, filho bastardo del-rei D. Diniz.

Teve D. Affonso este padroado, em razão de ter sido erecta a parochia em terras pertencentes a uma quinta e casa de campo que seu pae lhe doou, e que fôra fundada por el-rei D. Affonso III, seu avô. Chamava-se

então a esta residencia *paço de Affonso Sanches*, e depois que foram confiscados todos os bens a este principe, por ordem del-rei D. Affonso IV, seu irmão, começaram a denominal-a *Paço do Lumiar*.

A propriedade deixou de pertencer á coroa, e passou no correr dos tempos a diversas familias, mas ficou o seu titulo honorifico como em legado á povoação que junto d'ella se edificára, e que ainda agora é chamada *Paço do Lumiar*. É um logar de 87 fogos, e 320 almas, ou pouco mais, com uma ermida dedicada a S. Sebastião. Está contiguo, para o lado de oeste, ao logar do Lumiar, e tem por freguezia a egreja de S. João Baptista. Em um terreiro espaçoso, cercado de casas, avulta o palacio do sr. visconde do Paço do Lumiar, excellente e bem decorada habitação com bellos jardins e uma grande quinta, tudo reconstruido e augmentado ha vinte e tantos annos pelo fallecido negociante Domingos José de Almeida Lima, sogro do actual proprietario. N'esta linda residencia veiu convalecer sua alteza o sr. infante D. Augusto, na primavera de 1862, da grave enfermidade que padeceu no inverno anterior.

O paço e quinta de D. Affonso Sanches constitue ao presente, com outras quintas que se lhe annexaram, a magnifica e deliciosa *quinta dos srs. duques de Palmella*. Além das memorias escriptas, não resta coisa alguma n'esta mansão que recorde a existencia do filho predilecto del-rei D. Diniz. Sendo aquella propriedade da casa dos marquezes de Angeja, o marquez D. Pedro de Noronha levantou no seculo passado o palacio que ora vemos, no proprio terreno em que se erguia o antigo paço. Este fidalgo engrandeceu e aformoseou a quinta com muitas plantações de arvores exoticas, com obras de arte, e com um curioso jardim botanico.

Extinguindo-se a casa de Angeja haverá trinta annos, venderam os seus herdeiros esta propriedade ao sr. marquez do Fayal, hoje 2.º duque de Palmella. Desde então começaram obras em larga escala, principalmente na quinta, que foi augmentada com varias fazendas que se compraram, e com uma quinta e palacio que lhe ficavam contiguos, outr'ora pertencentes aos marquezes de Olhão, e por estes vendidos ao conde da Povoa, avô materno da actual sra. duqueza de Palmella.

Um vastissimo terreno em quebradas, assombrado por arvoredo secular, e artisticamente aproveitado para o mais lindo effeito de paizagem; tanques de marmore, e lagos como naturaes, espraiando-se a agua sobre a relva sempre viçosa; mil repuxos saindo mysteriosamente d'entre massiços de verdura e flores, uma copiosa collecção de plantas exoticas e raras, ostentando em estufas, ou em pleno ar, a belleza de suas flores, ou a fórma graciosa da folhagem; muitos vasos e estatuas de marmore ornando jardins, ou coroando terrados; viveiros de aves formosas, oriundas de regiões differentes; ruas de bosque plantadas no gosto moderno, em que os arbustos se entrelaçam com as arvores, e onde o gazão e outras relvas mimosas fazem cercadura de envolta com plantas rasteiras de flores vistosas; jardins em terrados como suspensos, d'onde os olhos relanceiam quadros encantadores, cheios de graça e de amenidade; por toda a parte uma vegetação pomposa; tantas circunstancias favoraveis, que difficilmente se encontrarão reunidas em um só logar, constituem, sem questão, a mais bella e rica vivenda particular não só dos suburbios da capital, mas tambem de todo o paiz.

O palacio é grande, mas exteriormente não tem magnificencia. Todavia as fachadas que deitam para a estrada, para o pateo e para o jardim principal, são bem construidas, e de architectura regular e nobre. Interiormente está adornado com riqueza. Nas suas salas deu o 1.º duque de Palmella a suas magestades a rainha a sra. D. Maria II, de honrada memoria, e a el-rei o sr. D. Fernando um esplendido baile, com illuminação nos jardins.

Esta quinta offerece muitas e variadas perspectivas, qual d'ellas mais bella e pittoresca. As duas gravuras que acompanham este artigo representam dois quadros fronteiros um do outro. Na primeira vê-se um lago de fórma irregular, e de margens verdejantes, onde se banham e se espalham conjunctamente cisnes, plantas aquaticas e arvores de bosque. No fundo do painel apparecem, como surgindo d'entre a espessura de arvoredo secular, o palacio e a egreja de S. João Baptista: esta mostrando apenas a parte superior da torre e do frontispicio; aquelle deixando ver parte da fachada opposta á principal.

Proximo do lago começa a subir docemente uma collina, cortada de largas ruas, e no restante tapetada de verdura e plantada de *araucarias*, de outras arvores exoticas e de arbustos elegantes. No cimo da collina ergue-se um terrado alto e espaçosissimo, cercado de grades de ferro, para o qual se sobe por duas escadas de pedra. No meio do terrado levanta-se uma bonita casa de quatro frentes, e que tem por coroa uma torre com relogio. Esta casa, destinada para hospedes, e denominada *casa do capitão-mór*, faz o objecto da segunda gravura.

Esta quinta possue a primeira *araucaria excelsa* que veiu para Portugal, e que custou avultada quantia.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

UMA AVENTURA DE CAPA E ESPADA

(Vid. pag. 300)

II

DE COMO A LUA, ESPREITANDO POR ENTRE A FOLHAGEM DAS ARVORES DE QUELUZ, PÔDE FAZER OBSERVAÇÕES CURIOSAS ÁCERCA DO CORAÇÃO DOS HOMENS DE ESTADO.

Como o nosso heroe já se encarregou de nol-o dizer no seu monologo ao luar, era elle proximo parente da familia proscripta dos Aveiros. Completemos agora as informações, dizendo que D. Paulo era filho bastardo do infeliz duque; que fôra educado n'uma terra de Tras-os-Montes em casa da familia de D. Magdalena de Vasconcellos; que fôra legitimado por seu pae pouco antes do attentado de 3 de setembro de 1758; que, depois da sentença condemnatoria de 12 de janeiro de 1759, se occultou cuidadosamente não só a sua legitimação, mas até o seu nascimento; e que a familia, em casa da qual fôra educado, accusada de ser affeiçoada ao duque, a muito custo, e graças á protecção da rainha e á perfeita ignorancia em que vivia dos acontecimentos politicos do reino, se pôde salvar das iras do ministro omnipotente.

D. Paulo de Lencastre tinha dez annos quando seu pae foi suppliciado em Belem. Quando nos longos serões do inverno, agrupados os Vasconcellos em torno da mesa contavam em voz baixa os terriveis pormenores da horrenda execução, Paulo erguia-se com altivez, e dizia com a sua voz infantil e reprimindo, com precoce orgulho, as lagrimas que lhe bailavam nos olhos:

— Quando for homem hei de vingar meu pae.

Magdalena, gentil criancinha de oito annos, tinha tanto medo do seu companheiro de brinquedos, quando o espirito da vingança o transfigurava, que desatava a chorar perdidamente, e o pae d'ella, olhando receioso em torno de si, dizia a Paulo com voz tremula:

— Não te lembres nunca de que te chamas Lencastre. Lembra-te do que soffre o filho legitimo de teu pae, pobre criança, que nem sabe amaldiçoar os seus algozes.

Foi crescendo em annos e em altivez o filho do duque de Aveiro. Nas veias de Paulo, do fructo dos amores illegitimos do infeliz fidalgo com uma senhora de nobreza trasmontana, corria com toda a pureza o sangue da velha aristocracia. Elle, o filho bastardo, era o mais legitimo representante da fidalguia portugueza. Tinha o mesmo orgulho indomavel, o mesmo valor cavalheiresco, o mesmo espirito religioso, e tambem o mesmo odio ás idéas novas, e o mesmo desprezo consagrado a todos os que não pertenciam á classe privilegiada. Mas a par d'esses sentimentos austeros, ia tambem viçando um sentimento mais suave, consagrado por elle á companheira da sua infancia.

Eram duas por conseguinte as idéas predominantes no espirito de D. Paulo; a idéa da vingança, e a idéa de ligar a sua existencia á existencia de Magdalena.

Não se podiam combinar taes idéas. Não dizia bem com a felicidade domestica o feroz prazer da vingança. As mãos tintas de sangue mancharIam forçosamente a candidez do vestido nupcial. O amor, que dulcifica as almas, não póde consentir que exista, juntamente com elle, um sentimento sanguinario.

Triumphou Magdalena. Paulo abjurou as suas tençções vingativas, e preparou-se a dar a mão de esposo á noiva estremecida.

Por este tempo falleceu o pae de Magdalena. A viuva, que fôra muito estimada pela rainha D. Marianna Victoria, foi chamada á côrte, e offereceu-se-lhe para sua filha um logar de açafata da princeza.

Acceitaram. Paulo ficou só.

Em quanto elle fôra protegido pela respeitabilidade do caracter de Luiz de Vasconcellos, e pelo valimento da que estava para ser sua sogra, todos tinham fechado os olhos, e fingiam nem saber da sua existencia. Apenas Luiz de Vasconcellos morreu, e sua mulher partiu para Lisboa, levando comsigo a filha, que no momento de se despedir de Paulo, revelou pela intensidade da sua dor o immenso affecto que lhe consagrava, apenas tal aconteceu, alguns vis lisongeiros do marquez deram-lhe parte de tudo o que succedia, revelando-lhe ao mesmo tempo as intenções vingativas do moço D. Paulo de Lencastre.

Foram logo expedidas ordens para o prender.

Avisado a tempo, D. Paulo fugiu para Hespanha, e durante seis mezes soffreu todas as privações e amarguras do exilio e da perseguição. Não recebendo noticias da sua noiva, e não podendo resistir á immensa saudade que o devorava, tornou a Portugal, e, atravessando o reino com immensas precauções, e a coberto de milhares de disfarces, veiu parar a Queluz, onde o encontrámos contemplando a lua nas primeiras paginas d'esta historia.

Dadas estas indispensaveis explicações, reatemos o fio interrompido da narração, no ponto em que o deixámos.

É facil de imaginar o effeito que produziria a repentina apparição do nosso heroe. O marquez, impellido pelo pulso vigoroso de Paulo, recuou involuntariamente dois ou tres passos, Magdalena estupefacta segurou no braço do seu noivo allucinado, e bradou:

— Que fazes, Paulo?

— Vingo-me!

— Oh! lança no esquecimento essas loucas idéas! Sou eu quem t'o pede.

— Deixa-me! Surja do tumulo, por ti aviltado, a sombra de teu pae, e, estendendo para ti a mão já descarnada, associe á minha a sua maldição!

— Que horror! Em que mereço, Paulo, essa terrivel ameaça?

— Através de mil perigos, com a morte sempre diante dos olhos, vim eu de longes terras para ver a casta pomba a quem tinha consagrado o mais ardente amor. Dize-me agora: onde está a tua ingenua candidez? As brancas azas da tua innocencia não desprenderam o vôo na região ethérea, onde eu te vi tão linda, e baqueaste fascinada aos pés de um decrepito seductor! Mas a vingança velava na sombra, e a hora do castigo soou logo depois da hora do crime. E não julgues, infame, acrescentou Paulo voltando-se para o marquez, que o mirava immovel e altivo, não julgues que te has de ir gabar ao teu servil confidente da inesperada victoria da tua repugnante seducção.

— Estás louco, Paulo? Não sabes a quem fallas? Não sabes quem insultas? Não sabes quem provocas? Não sabes que estás diante do sr. marquez de Pombal?

Este grande nome produziu um effeito involuntario no animo do filho do duque de Aveiro. Esse nome, que fazia tremer o reino todo, como que fascinou D. Paulo de Lencastre. Recuou espantado; mas veiu depois a reflexão, e a reflexão disse-lhe que o seductor da sua noiva era ao mesmo tempo o assassino de seu pae. A colera incendiou-lhe o rosto, e, crescendo para o marquez, bradou com voz concentrada:

— Marquez de Pombal, conde de Oeiras, assassino infame, que na sombra do throno procuras a impunidade, encontrei-te alfim! Oh! quanto eu ambicionava este momento! Quero ver n'essa fronte criminosa a nuvem d'um remorso! Quero fazer-te ouvir, depois da voz mentida das adulações cortezãs, a voz do sangue innocente, que ha de echoar terrivel na posteridade! Assassino omnipotente, tens diante de ti o filho do assassinado! Tigre, que tens rasgado com delicia as entranhas d'um reino inteiro, treme; porque se levanta, em mim personalisado, o leão indomavel da nobreza de Portugal! Ah! julgavas que depois de teres saboreado a voluptuosidade ferina do sangue, podias prender nas garras libidinosas as filhas profanadas das tuas victimas, algoz! Enganaste-te. Deus é justo, e no antro do crime fez lampejar nas minhas mãos o gladio vingador!

Era curioso o aspecto dos tres personagens d'esta scena. D. Paulo com os labios espumantes, os olhos inflammados, as feições transfiguradas, parecia o ministro das iras celestiaes. Magdalena, espantada, nem podia atinar com palavras que exprimissem o que sentia. O marquez de Pombal, tranquillo e altivo, não se dignava responder, e mirava com a historica luneta o filho do duque de Aveiro. Este continuou com um tom de voz mais socegado:

— Sobre as ruinas amontoadas da velha aristocracia bem alto levantaste o throno portuguez! Na antiga floresta, derrubados os troncos altivos das casas nobres portuguezas, ficou inteiro e só o roble de Bragança! Gloria-te da tua obra! A mão do algoz decepou as cabeças que se elevavam a par da fronte do monarcha, e as outras, curvadas por essa aragem de morte, beijam as plantas regias de involta com a plebe humilde! Desimpedidos os degrãos do throno do sequito aristocratico, ao qual ficava sobranceiro o primeiro fidalgo do reino, apparece elle isolado na sua esplendida magestade aos olhos deslumbrados d'um povo de vassallos! A luz do sol monarchico, que não é já precedida pelo fulgor secundario dos astros da nobreza, cega os olhos dos populares; mas, quando se costumarem a ella, hão de lhe divisar as manchas, e descrer da infallibilidade! As ruinas, amontoadas por ti mesmo, serão os degrãos pelos quaes ha de subir a plebe a profanar a monarchia! Do grande terremoto fizeste surgir Lisboa mais bella e remoçada; mas do terremoto social, que está para vir, nem tu, ó grande estadista, poderias fazer surgir o throno dos nossos reis!

— É novo de mais para criticar o meu systema politico, senhor D. Paulo de Lencastre, tornou o marquez serenamente, sorrindo-se, e assestando a implacavel luneta.

— Mas que me importa a mim o futuro, que me

importa a mim o presente? — continuou D. Paulo sem ouvir sequer a voz do marquez. Impelle cegamente para o abysmo a instituição que julgas fortalecer; enrama a tua fronte, que se ha de erguer na posteridade sobranceira ao throno a quem déste uma perigosa gloria, com o loiro dos estadistas; mas sabe que o loiro destilla tambem venenos, e que estes, caíndo gota a gota da tua coroa de gloria, serão lethaes para o solio que te deve o seu passageiro esplendor. Na carreira vertiginosa do teu carro triumphal vae cegamente impellida a realeza; baqueará finalmente; e tu ficarás á beira do precipicio, enigma tremendo para a posteridade absorta. Não te peço contas d'isso; á historia compete pedir-t'as. Peço-te contas do sangue derramado em Belem, que, tingindo de vermelho as paginas da tua historia, illuminará com sinistros reflexos a esplendida narração das tuas grandes emprezas. Ajustemos essas contas, senhor marquez de Pombal.

— Que fazes, Paulo? — balbuciou Magdalena, caíndo de joelhos aos pés do mancebo allucinado; no momento em que o senhor marquez me concedia o teu perdão?

— Infamia! Vil artificio da sua hypocrita malvadez.

— Perdõe-lhe, senhor, continuava Magdalena chorosa voltando-se para o ministro, é o amor quem o allucina.

— Esteja socegada, senhora D. Magdalena, disse o marquez em voz baixa e benevolamente, não me faz impressão o que elle me diz! É o fogo da mocidade! Não são perigosos estes temperamentos.

— Querias alternar com a furia sanguinaria de Nero a ignobil lubricidade de Sardanapalo? Sorria á tua imaginação feroz a idéa de profanares as virgens nobres, depois de veres rolar na praça publica as sanguinolentas cabeças dos fidalgos portuguezes? Não esperavas que d'entre o rebanho dos cortezãos surgisse, implacavel e austero, um defensor audaz? Juntas á malvadez o ridiculo! O tigre decrepito adorna-se, perfuma-se, e arvora-se em seductor das pombas innocentes!... Oh! não o negues, acrescentou elle, vendo um sorriso de desprezo volteiar nos labios do marquez; escondido detrás d'uma arvore da estrada, fui confidente dos teus planos conquistadores.

— Como? — bradou o marquez sinceramente espantado.

— Enganas-te, Paulo, enganas-te! Fui eu, quem procurou o senhor marquez de Pombal para lhe implorar o teu perdão, perdão que me foi concedido com immensa bondade pelo homem que tanto insultas.

— Abusou da innocencia, como já tinha vilipendiado a velhice!

— Mas foi hoje que eu tomei essa resolução! Foi sabendo que o senhor marquez vinha passeiar depois da serenata, sósinho, nas alamedas da quinta, que me resolvi a aproveitar essa occasião para lhe dirigir o meu pedido...

Uma verdadeira indecisão se apoderou do espirito de Paulo. A tranquillidade do marquez, o tom de verdade com que Magdalena pronunciava estas palavras, a sua colera tambem um tanto evaporada em discursos, tudo isto o fez afrouxar na premeditada resolução. Mas ao mesmo tempo a imagem de seu pae atravessou-lhe rapidamente o espirito, soltando o grito de vingança; a conversação ouvida na estrada soou-lhe aos ouvidos, se não offensiva para o seu amor, pelo menos desagradavel para a sua vaidade. Apoderou-se d'elle um novo accesso de raiva, e, desviando violentamente Magdalena, que o abraçava convulsiva, bradou dirigindo-se ao marquez com o punhal levantado.

— Não! é mister que o destino se cumpra.

Quando o marquez, um tanto perturbado, se esquivava por um movimento rapido ao golpe que lhe vibrava o allucinado mancebo, quando Magdalena, soltando um grito, agarrava no punhal, e resguardava com o seu corpo o ministro de D. José, ouviram-se grandes gritos do lado do palacio, sentiu-se a bulha das janellas que se abriam, e póde-se distinguir a voz esganiçada d'uma velha, que bradava:

— Soccorro! prendam o seductor! o salteador da minha honra.

D. Paulo parou espantado; o marquez, aproveitando-se da distracção, desviou-se serenamente, e caminhou para o palacio. D. Paulo e Magdalena seguiram-n'o por um movimento instinctivo.

A fachada do palacio, havia pouco envolvida em trevas, resplandecia agora com luzes em todas as janellas. Onde era silencio havia agora borborinho. Assomavam por todos os lados cabeças curiosas. Uns perguntavam, bocejando, se havia fogo no palacio. Outros, com olhos ainda meio cerrados, investigavam quem seria o auctor do desacato nocturno. E, n'uma janella do paço, um velho fidalgo, com a cabelleira descaída, o chapeo derrubado para traz, uma das pernas bamboleando-se fóra do parapeito, bradava com uma voz que D. Paulo reconheceu, com espanto, ser a mesma que ouvira na estrada da Ajuda.

— Não calumnie este desditoso mortal, minha senhora, não o calumnie.

E uma velha, gesticulando furiosamente, bradava, em quanto uma outra velha empurrava o pobre fidalgo:

— Soccorro! prendam o seductor! o salteador da minha honra.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

TORRE DE S. JULIÃO

(Vid. pag. 281)

A terceira epocha foi durante a guerra da successão entre D. Maria II e seu tio D. Miguel. Desde 1828 a 1833 foram lançados, ou antes sepultados, nas masmorras de S. Julião 618 presos politicos, cujos nomes se podem ver na historia que ao diante citâmos.

Ha duas plantas d'estas horriveis prisões de estado. Uma anda junta ao jornal allemão de Murr, vol. IX, de 1780, tirada pelo jesuita Lourenço Kaulen, um dos presos que alli jazeram no tempo do marquez de Pombal. E a outra está appensa ao t. I da *Historia do captiveiro dos presos de estado na torre de S. Julião da barra de Lisboa, durante a desastrosa epocha da usurpação, etc. por João Baptista da Silva Lopes, um dos martyres na referida torre.* Lisboa 1833.

Este subterraneo (diz este auctor) é a parte inferior casamatada da praça. A entrada fica logo ao saír do arco grande das abobadas, do lado direito, caminho da egreja, com uma grande e forte cancella para o corredor, o qual em fórma de ferradura dá entrada para differentes quartos, maiores e menores, uns com luz, por claraboia, e outros sem ella, que servem de segredo. São todos muito humidos, gotejando agua pelas paredes, e caíndo-lhes pelas claraboias quando o mar está empolado: perfeitas cavernas, nem proprias para animaes quanto mais para homens, que, sem embargo, alli eram encarcerados sem cama, sem luz, e dias e dias a pão e agua!

O sr. dr. Adriano Ernesto de Castilho, que tambem alli esteve algum tempo, no livro que escreveu das suas *Vinte e cinco Prisões*, desenha, com eloquente concisão, o medonho aspecto de tal ergástulo, n'estas palavras:

«Chegámos ao introito de um corredor subterraneo, largo, abobadado, escuro, onde a vista se nos perde antes de alcançar-lhe o fim; e que, povoado de echos

soturnos, gira como um labyrintho pelas entranhas da fortaleza».

Depois de referir que o conduziram ao longo d'este sumitorio, até uma portinha de fechaduras e ferrolhos que dava para a prisão que lhe estava destinada, e onde o lançaram, continúa:

Plinio refere gentes que tinham em cavernas subterraneas as suas vivendas; mas os trogloditas de Plinio demoravam em região de Africa, onde o sól esbraseado dava preço á fresquidão da terra. N'aquillo se haviam criado; tinham lá em baixo as mulheres, os berços dos filhos, as armas da caça; e sobretudo tinham a liberdade de emergir para a superficie da terra, para ahi lavrarem, montearem, ver-se uns aos outros, e aos horisontes, e ás estrellas, e aos rios.

Trogloditas de nova especie, nós, podiamos invejar a condição d'aquelles silvestres! Os nossos horisontes eram quatro paredes sem reboco, tendo por pinturas o bolor e os limos: os nossos rios e fontes, a agua que ressumbrava de todas as partes, e que era em tanta copia, que para nos lavarmos bastava ella: finalmente, as nossas estrellas, a nossa lua, e o nosso sol, dois palmos de fresta quadrada no alto da abobada, que espreitava um retalho do ceo. Tudo n'esta casa era hediondo! A sua fórma arremedava, no longo e abobadado, a um grande caixão funebre. O piso terreo e desegual, aqui e acolá empoçado de agua velha e corrupta, presentava um lodaçal fétido e asqueroso. O ar, onde a luz nunca passava de crepusculo, era crasso, e tão frio, n'aquella mesma es-



Casamata onde ficam as prisões subterraneas da torre de S. Julião

tação em que lá por cima, nos campos da gente viva, as cigarras não poderiam deixar de se acoitar á sombra dos arbustos, que mais de uma vez me lembrei com saudade do estojo, chamado segredo, por onde a minha vida de preso se estreára.

Alli os comestiveis dentro em poucas horas eram já corruptos e bolorentos; os objectos do nosso vestido e calçado, quando se tomavam para servirem, escorriam. Que muito! se a propria roupa que despiamos á noite, e lançavamos sobre a cama, pela manhã parecia em tudo, excepto na côr, háver saido do estendal da lavandeira».

(Continúa)

FERNÃO DE MAGALHÃES

(Vid. pag. 303)

VIII

Não ha esplendor que illuminasse já o genio de Portugal, que não viesse a emulação de estranhos escurecel-o com uma nuvem. Nunca o sol das glorias se levantou para esta nação, que não viesse uma inveja toldar-lhe os horisontes. Nunca ceifámos uma palma, talhando-a de palmeira virgem em terra nunca d'antes visitada por europeus, que não viessem dizer-nos que era furtada. Nunca cingimos um laurel que não o dissessem logo arrancado de outra fronte!

Fomos os primeiros que, ao sair da edade média, começámos a *dilatar a fé e o imperio* por esses mares, aonde ninguem se aventurára, e, depois da empreza feita, ou a taxaram de facil, ou a accusaram de imitada.

Dobrámos o cabo da Boa Esperança, e duvidaram que fossem portuguezes os primeiros que ousassem affrontar as tormentas d'aquelles mares.

Descobrimos o *nonio*, origem de fecundas invenções na arte de medir espaços pequenissimos, e logo se adiantaram os francezes a opporem o seu Vernier ao nosso famigerado Pedro Nunes.

Não é pois de pasmar que tambem a gloria da primeira circumnavegação a queiram indivisa para si, os que nem sonharam a empreza antes que o exilado portuguez a delineasse.

Foi, é verdade, um castelhano o que veiu á corte de Castella a receber o premio d'aquella inaudita na-

vegação. Foi Elcano o que voltou, e Magalhães o que morreu. Foi Magalhães o que recebeu as frechadas em Matan, e Elcano o que recebeu em Madrid o parabem e galardão. Foi Magalhães a hostia d'aquelle grande sacrificio em honra da civilisação, e Elcano o que acceitou as offerendas da gratidão. Foi Magalhães o heroe d'aquella empreza memoravel, e Elcano o que se engrandeceu com as honras do triumpho.

Mas que importa que o castelhano, mais mimoso filho da fortuna, viesse addir as honras e grandezas da herança do Magalhães?

A maior parte dos trabalhos, e a melhor dos descobrimentos d'aquella navegação, quem os padeceu com animo sempre egual e varonil, quem os realisou por sua constancia e entendimento senão o benemerito portuguez?

Quem deu passos para se descobrir o Estreito? Quem partiu de Portugal para Castella, e de Castella para o Oceano, levando a crença funda e inabalavel de que ao sul do continente americano se acharia passagem para o mar pacifico? Quem suffocou por sua fortaleza a rebeldia dos castelhanos, os quaes, por seu desanimo e tibieza, iam pondo a expedição a dois passos de seu desastroso acabamento? Quem luctou contra todas as difficuldades de uma navegação tão larga e tão trabalhada de accidentes e contradicções? Quem descobriu as ilhas Mariannas? Quem as Philippinas? Quem de entre os capitães deu primeiro o seu sangue para ser martyr da empreza e da idéa, de que fôra confessor em Portugal, prégador ardentissimo em Castella, apostolo fervente no Oceano, soldado fidelissimo em terra de gentios?

Póis aos que idearam e governaram as expedições e as levaram a bom caminho, só porque a má fortuna lhes tirou a vida, ha de vir a inveja tirar-lhes tambem os loiros? Só porque não poderam vir ao triumpho, hão de outros triumphar por elles na corte e o que mais é no conceito da posteridade? Porque Newton não viveu mais cem annos para adivinhar toda a moderna astronomia, e toda a optica moderna, havemos de negar-lhe a primeira estatua? Porque Napoleão deixou ainda a Kleber no Egypto espaço para talhar um glorioso campo de batalha, é justo que tenha Kleber e não Bonaparte a maior gloria da expedição? Porque um grande homem deixa a um outro alguns sobejos da sua gloria, ha de um raio de sol valer mais que a esplendida luz de todo o astro?

Felizmente os estrangeiros mais illustres respeitam em Fernão de Magalhães o auctor da primeira circumnavegação, e attribuem-lhe a gloria de haver sulcado a vez primeira as aguas do Pacifico. Não ha Estreito que tenha nome de Sebastião de Elcano. Mas ha *Estreito de Magalhães*. E hoje que os estrangeiros tem mudado muitos nomes, com que os nossos antigos navegadores attestaram a originalidade de seus descobrimentos, ha dois ainda que andam consagrados na geographia universal: O Cabo da Boa Esperança — o Estreito de Magalhães. São as duas sentinellas que guardam o thesouro precioso das nossas tradições. Em quanto os estranhos não houverem conseguido apagar do mappa estes dois nomes gloriosos, não poderão a seu salvo expunguir dos fastos modernos a memoria dos nossos descobrimentos, nem despojar-nos das nossas glorias nas regiões orientaes e no continente americano. Isto ao menos tem de consolador os legitimos e immorredoiros monumentos. É que ainda na terra, que já não é nossa, dão brado eloquente de nossa fama.

(Continua) J. M. Latino Coelho.

Os nossos leitores conhecem já o escrupuloso e poetico traductor do Tasso, o sr. Ramos Coelho, pelo excerpto da *Jerusalem Libertada* que publicámos n'um dos volumes antecedentes[1]. Agora temos a dar-lhes a boa nova de que essa versão, tão gabada dos entendedores, está já no prelo, e em breve se divulgará. A assignatura acha-se ha pouco aberta, e aos nossos assignantes do Brasil enviaremos o prospecto que ultimamente se distribuiu, no mesmo papel, formato e typo da edição.

Da mesma penna é a versão, que hoje publicâmos, da famosa ode de Alexandre Manzoni *(Il cinque Maggio)*, á morte de Napoleão I. Esta poesia, não só é tida e havida pelo melhor trecho lyrico d'este seculo, mas a sua traducção tem intimidado até os engenhos de maior estro.

Os peritos nas duas linguas avaliarão o merito d'esta versão em portuguez, e as difficuldades que o sr. Ramos Coelho soube vencer.

ODE A NAPOLEÃO

(DE MANZONI)

Morreu; bem como gelido
Ficou, sem movimento,
Dado o mortal anhelito,
Orphão de tanto alento,
Assim ferida, attonita
Co'a nova a terra está;
Muda, na hora ultima
Do homem fatal pensando,
Não sabe quem tão valido,
Como elle, caminhando,
Seu pó de sangue humido,
Como elle, pizará.

Brilhante o viu no solio
O genio meu; caído
Depois; depois no imperio;
Depois em fim vencido;
E do universo ao fremito
Sua voz unir não fez.
Virgem de servo encomio,
E de covarde insulto,
Acorda ao sol esplendido
Tão de repente occulto,
E solta á morte um cantico
Que é do porvir, talvez.

Dos Alpes ás pyramides,
Do Rheno ao Manzanares,
Raio, o veloz relampago
Seguiu rasgando os ares;
Troou de Scyla ao Tanais,
De um mar a outro mar.
Foi verdadeira gloria?
Aos tempos a sentença.
Nós adoremos timidos
De Deus a força immensa
Que n'elle quiz a maxima
Sua obra apresentar.

O procelloso e trépido
Prazer de uma alta empreza,
A ancia de um peito indomito
Que sonha a realeza,
E a ganha, e alcança um premio
Que era loucura esp'rar,
Tudo provou: a gloria
Maior depois do p'rigo,
A fuga e a victoria,
O throno e o exilio imigo,
No pó duas vezes, prospero
Duas vezes sobre o altar.

[1] Vol. III, pag. 470.

Appareceu; dois seculos,
Um contra o outro armado,
Submissos inclinaram-se
Ante elle espr'ando o fado;
Impoz silencio, e arbitro
Entre ambos se foi pôr.
Despareceu, e no ocio,
N'uma ilha, só no mundo,
Findou, alvo continuo
Da inveja e dó profundo,
De inextinguivel odio,
E de indomado amor.

Qual sobre a fronte ao naufrago
Se enrola, e cáe pesada
A vaga d'onde o misero
Co'a vista alta, alongada,
Buscava em torno, ávido,
Praia longinqua em vão,
Tal n'aquella alma em cumulo
Tombaram mil memorias.
Oh! quanta vez aos posteros
Tentou narrar suas glorias,
E nas eternas paginas
Caíu sem força a mão.

Oh! quantas no fim tacito
De um dia sem proveito,
No chão o olhar fulmineo,
Os braços sobre o peito,
Inteiro o seu preterito
Viu de repente erguer.
Lembrou as tendas moveis,
Os valles resoando,
Do aço o brilho trémulo,
Os esquadrões ondeando,
E o concitado imperio,
E o prompto obedecer.

Ai! a tamanha magoa
Cedeu talvez afflicto
E desesp'rou; mas válido
Braço desceu bemdito,
E para outro ar mais limpido
Piedoso o transportou;
E pelas sendas flóridas
O conduziu da esp'rança
Ao campo eterno, ao premio
Que mais que o anhelo alcança,
Onde é negror, silencio,
A gloria que passou.

Bella, immortal, benefica,
Fé vencedora, ufana,
Mais um triumpho; alegra-te,
Que nunca outra mundana
Grandeza egual do Golgotha
A affronta se inclinou;
Exulta, e o resto exanime
Guarda-lhe da maldade.
Quem mata, e abre os tumulos,
Quem pune, e tem piedade,
Deus — do seu leito funebre
Ao lado se assentou.

J. Ramos Coelho.

PEDRO MASCARENHAS

(Vid. pag. 287)

Para que se veja a particularisação com que Gaspar Corrêa refere os successos da India, vamos pôr em confronto o que elle acaba de contar, sobre a prisão do governador Pedro Mascarenhas, a narrativa feita por João de Barros, na *Decada* IV. liv. II. cap. 2.

Por esta acareação se conhecerá quanto o auctor das *Lendas da India* é superior a todos os escriptores d'aquella nossa conquista.

«Lopo Vaz de Sampaio, quando soube por Ayres da Cunha o que Affonso Mexia fizera a Pero de Mascarenhas em Cochim, ficou descançado, parecendo-lhe que estava seguro na governança; e por a boa nova deu a Ayres da Cunha a capitania de Coulão, que tirou a Henrique Figueira porque agasalhára Pero Mascarenhas contra a ordem que lhe mandou. E communicando aquelle caso com Heitor da Silveira e outros fidalgos, lhe persuadiram que não cumpria entrar Pero Mascarenhas em Goa; porque como a mais da gente estava descontente de se abrir a nova successão, e tinha para si que Pero Mascarenhas era o legitimo governador, se levantariam com elle se o lá vissem. Parecendo bem a Lopo Vaz este conselho, escreveu logo ao capitão-mór do mar por o mesmo Ayres da Cunha, que visto cumprir ao serviço del-rei não ir Pero Mascarenhas a Goa, procurasse de o encontrar no mar, e lhe requeresse da sua parte que se fosse metter na fortaleza de Cananor, d'onde não sairia sem lh'o elle mandar; e que não querendo obedecer, depois de lhe fazer todos os protestos e requerimentos necessarios, o prendesse, e preso o entregasse a D. Simão de Menezes, de quem cobraria conhecimento como o recebia. Outra carta escreveu Lopo Vaz a Pero Mascarenhas em resposta das queixas que lhe elle escreveu, do mau tratamento que recebêra em Cochim, em que Lopo Vaz lhe dava a elle toda a culpa do que lhe fôra feito, pois não quizera obedecer á ordem que o vêdor da fazenda lhe mandára notificar, e por isso não tinha elle razão de o castigar, do que lhe pezava muito. E que quanto a ver-se com elle, e com os fidalgos que com elle estavam em Goa, todos eram de accordo que não era serviço del-rei, por desassocegos que podia haver, que seriam de grande estorvo ao apercebimento que se fazia para a vinda dos rumes; e portanto lhe pedia da sua parte, e requeria da del-rei seu senhor, que se fosse á fortaleza de Cananor, como o capitão-mór do mar lhe diria, e d'ahi mandasse requerer o que quizesse.

Estas cartas deu Ayres da Cunha ao capitão-mór do mar, o qual nunca pôde topar a Pero Mascarenhas; o que receando o governador poderia acontecer, por conselho de Heitor da Silveira, que era o fidalgo que elle mais grangeava, assim por sua pessoa como por ter muitos parentes que esperava seguiriam sua parte, e com parecer de outros seus amigos, mandou, por maior seguridade, seu genro Antonio da Silveira, que fosse aguardar Pero Mascarenhas á barra de Goa, com uma galé e dois bergantins para o prender; e da mesma maneira a Simão de Mello seu sobrinho, com outros tantos navios á barra de Goa velha. E como os bergantins de Antonio da Silveira andavam por atalaias, vendo o catur de Pero Mascarenhas (que chegou á barra de Goa aos 16 de março [1], foram a elle, e o levaram a Antonio da Silveira, o qual recebeu a Pero Mascarenhas com muita cortezia, e lhe disse: que o governador mandára que indo elle alli, o não deixasse passar, e lhe tomasse a homenagem, e o levasse preso a Cananor, por se escusarem inquietações. Ao que Pero Mascarenhas respondeu: que elle não havia de dar sua homenagem, antes lhe requeria que o deixasse ir a Goa para se ver com Lopo Vaz, e requerer sua justiça. O que Antonio da Silveira não consentiu, e o prendeu em ferros, que lhe mandou lançar pelo meirinho, pedindo-lhe perdão, e desculpando-se por ser assim mandado, e por Simão de Mello foi levado a Cananor, e entregue a D. Simão de Me-

[1] De 1527.

nezes. Foram tambem presos com Pero Mascarenhas, Simão Caeiro, e Lançarote de Seixas, e levados a Goa, onde estiveram na cadeia carregados de ferros, como incitadores da revolta de Cochim, e conselheiros de Pero Mascarenhas.

Entretanto que Antonio da Silveira era ido a encontrar Pero Mascarenhas, os da sua facção vendo ajuntar tanta gente que se embarcava para o prender, em vozes altas se queixavam, e de noite o faziam em parte que o governador ouvisse. Outros se foram queixar ao guardião de S. Francisco, que era homem letrado, castelhano de nação, pedindo-lhe estranhasse ao governador o que usava contra Pero Mascarenhas. O guardião lhes respondeu que Lopo Vaz tinha a justiça por si, e que o provaria o dia seguinte na prégação. Assim o fez ao outro dia, com muitas razões, depois de ler a provisão de Lopo Vaz, dizendo mais, que além de lhe imporem falso testimunho, commettiam deslealdade a seu rei, coisa tão desacostumada de portuguezes, cuja lealdade para seus principes fôra sempre maior que a de todas outras nações. Sobre isto fez requerimentos ao vigario geral, que houvesse por excommungados aos que o contrario diziam.

Acabada a pratica, Pero de Faria, capitão de Goa, lhe pediu a successão, e a beijou e poz na cabeça, dizendo que a obedecia; e perguntando a todos que estavam presentes se faziam outro tanto, responderam que sim. E d'esta approvação, e do parecer do guardião mandou fazer um auto, e por ordem do governador o foi assignar o ouvidor geral pelos fidalgos que se acharam na prégação, e que disseram que obedeciam á provisão. E por D. Vasco de Lima e Jorge de Lima não quererem assignar, e se mostrarem parciaes de Pero Mascarenhas, foram presos sobre suas homenagens.



Casa do relogio ou do capitão-mór, na quinta dos srs. duques de Palmella — Pag. 305

Com esta diligencia, e com a prisão (que a ella se seguiu) de Pero Mascarenhas, se houve Lopo Vaz por seguro, parecendo-lhe que se haviam quietado os bandos e desassocegos em que a gente de Goa andava. Mas não o deixaram estar muito tempo quieto, porque Christovão de Sousa, capitão de Chaul, sabendo como Lopo Vaz de Sampaio queria proceder com Pero Mascarenhas, e que o mandava aguardar na barra de Goa para o prenderem, com parecer do feitor, alcaide-mór, e officiaes da fortaleza, e dos fidalgos que com elle estavam, que eram muitos, escreveu uma carta a Lopo Vaz (que lhe deram depois da prisão de Pero Mascarenhas), em que lhe dizia, que para se apagarem as dissensões que começavam a nascer sobre a preferencia da successão do governo, cumpria pôr-se em justiça, por o perigo em que se punha o estado da India, principalmente em tempo em que cada dia se esperavam os rumes, para o que era necessario acrescentar o poder e não diminuil-o dividindo-se a gente, que em si era pouca, cuja perdição estava certa; porque se grandes imperios feitos e arraigados se perderam por serem divisos, que se podia esperar de um que então começava, e que tinha as raizes tão pouco fundadas, e o soccorro em logar tão remoto? pelo que o desenganava que elle não havia de obedecer a quem se não pozesse em direito.

Era Christovão de Sousa um fidalgo de muita qualidade em sua pessoa, mui esforçado e mui humano, de gentil conversação, e de condição alegre e familiar com todos; e não sómente esplendido na continua mesa que dava, mas no soccorro que do seu dinheiro fazia aos que o não tinham; pelo que em Chaul invernava mais numero de fidalgos que em nenhuma outra parte da India; e como elle tinha tanta auctoridade, e tantos do seu bando, ficava muito de vantagem a parte a que elle se acostasse; e assim a sua carta fez muito abalo no governador quando a viu, entendendo por ella que não estava pacifico no cargo; e por conselho de seus amigos, a quem em segredo mostrou aquella carta, escreveu a Christovão de Sousa como Pero Mascarenhas estava preso, com approvação de todos os fidalgos e capitães da India, que a elle Lopo Vaz reconheciam por governador; pelo que lhe pedia quizesse conformar-se com os mais, e obedecel-o, pois que não havia divisão nem se podia recear; e lhe rogava quizesse escrever a Pero Mascarenhas que desistisse da pretenção do governo.

(Continua)

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.